

FRIGHI, Luigi, Il linguaggio come comunicazione nel rapporto psicoterapico, *Archivio di Psicologia, Neurologia e Psichiatria*, Anno XXVIII, Fasc. III-IV, maio-agosto 1967, p. 342-353.

O problema da comunicação como chave do processo psicoterápico foi considerado sob o aspecto básico de seu instrumento essencial, a linguagem.

A análise do autor desenvolve temas cruciais desse problema segundo duas ordens de conhecimentos: o campo da psicodinâmica e o da psicolinguística.

Ressalvada a sobrecarga de citações, nem sempre útil no seguimento de suas apreciações, encontramos neste trabalho uma apresentação sistematizada de certos aspectos relevantes da questão. Cumpre observar que o autor segue a mesma linha de trabalhos anteriores, entre os quais cumpre destacar a *Semântica dei simboli in psicoterapia* (1961).

Estabelecida a premissa de que o trabalho psicoterápico é um particular processo comunicativo em que se efetua a transmissão de mensagens, atendendo-se a certas regras, conscientes ou não, de codificação e decodificação, por ambas as partes, passa o autor a analisar suas etapas e características. Preliminarmente, considera ainda essencial o problema do *papel* que assumem, voluntariamente, o terapeuta e o paciente. Parafraseando SULLIVAN, declara que “a experiência de um indivíduo depende de seu papel e função num dado sistema de comunicação”.

Estabelecida assim a base da relação terapêutica, esta se desdobra num processo de comunicação caracterizado por cinco momentos:

- a) a origem da comunicação;
- b) a codificação;
- c) o meio ou veículo;
- d) a decodificação;
- e) a destinação.

Na realidade, há três momentos decisivos no processo, e que são os indicados nas letras *a*, *b* e *d*.

Quanto ao primeiro, destaca o autor as contribuições de LORENZ e de RUESCH, as quais evidenciam que, sendo a linguagem expressão do pensamento, pode refletir suas manifestações e distorções. Torna assim possível distinguir a linguagem impressionista dos histéricos, a linguagem circunscrita e designativa dos obsessivos, a amplitude simbolizante dos exibicionistas, e a dificuldade de expressão psicopática. Tudo isso reforça a tese (HOCKETT e HALL) de uma *lingua individual*.

O segundo momento é o mais amplo e acuradamente tratado por FRIGLI. Envolve o problema dos sinais e da multiplicidade de seus sentidos, abordada na dupla dimensão do *individuo* (que pode introduzir mais de um sentido consciente e inconscientemente) na informação, e da *linguagem* que pelo processo da polissemia, consegue uma relevante economia em detrimento da clareza inequívoca. Verifica ainda que a extensão do sentido das palavras é diretamente proporcional à freqüência de seu uso.

Um terceiro elemento da relação (essencial na relação terapêutica) decorre do *contexto* que transmita valor específico aos termos de comunicação.

Ao apreciar o contexto, o autor faz interessantes considerações sobre o fenômeno da *redundância*, bem como sobre os tons emotivos, mímicas, etc., que lhe conferem um sentido particular, estabelecendo assim o processo da *metacomunicação*; isto é, um conjunto adicional à comunicação básica, com suas próprias chaves de codificações.

A par do contexto individual, vivencial, há o significado, o código decorrente do contexto situacional, social, que é sujeito a incessantes processos de evolução histórica (*mots-témoins* e *mots-clés*, de MATORÉ).

Surgem assim campos associativos, imagens verbais, metáforas, que, por um lado exprimem processos histórico-sociais, refletindo emoções coletivas; e, por outro, representam quadros pessoais, o que permite observar as metáforas semiconcretas dos depressivos em contraposição às metáforas sensoriais dos histéricos, e às metonímias dos obsessivos.

Torna-se, portanto, essencial ao psicoterapeuta uma adequada aferição do valor referencial do significado semântico, chegando o autor a sugerir a adoção de um método experimental como o *diferencial semântico* de OSGOOD, que, através de análise fatorial, permitiria determinar o *espaço semântico*.

O autor conclui sua exposição com uma rápida apreciação do processo de descodificação, fundada em dois pressupostos: o primeiro admite que a própria codificação já prevê a descodificação: quem transmite já pensa em como será entendido; o segundo (e êle nos parece fundamental para a dinâmica da psicoterapia), tanto o terapeuta como o paciente controlam as sucessivas descodificações, pelo que estas se tornam chaves para as descodificações subseqüentes, de uma e de outra parte.

FRANCO LO PRESTI SEMINÁRIO